



## “DOIS BICUDOS NÃO SE BEIJAM”: AS EXPERIÊNCIAS DE MULHERES FEMINISTAS EM AMBIENTES RELIGIOSOS<sup>1</sup>

“Two Stubborns Don't Kiss”: The experiences of Feminist Women in Religious  
Environments

Daiana Ferreira Félix Becker da Silva<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente artigo tem por objetivo a investigação das vivências de mulheres que amalgamam suas identidades cristãs e feministas, delineando o intrincado entrelaçamento com suas respectivas afiliações denominacionais e a complexa intersecção com as dimensões de gênero e sexualidade. A proposta primordial é avaliar se essas mulheres são alvo de incentivo, fomento ou inibição, sendo desencorajadas a adotar o rótulo de feministas em relação às suas próprias convicções. Em concomitância, o exame abarca a contextualização da atual onda conservadora e das codificações morais e posicionamentos políticos vigentes. No âmbito metodológico, esta pesquisa é bifurcada em duas fases investigativas. Na primeira etapa, um instrumento de pesquisa estruturado será empregado, através da aplicação de um formulário, visando a coleta sistemática de dados que registrem as experiências de mulheres feministas nos contextos eclesiais cristãos. Subsequente a esta etapa, a segunda fase contempla a condução de entrevistas semiestruturadas, buscando a amplificação e o detalhamento das narrativas supracitadas, inicialmente obtidas por meio do instrumento de coleta. O escopo último do presente estudo reside na apreensão holística da interrelação entre mulheres que adotam uma fé religiosa e as comunidades eclesiais nas quais estão inseridas.

**Palavras-chave:** Feminismos. Religião. Gênero. Conservadorismo. Mulheres.

**Abstract:** This article aims to investigate the experiences of women who combine their Christian and feminist identities, outlining the intricate intertwining with their respective denominational affiliations and the complex intersection with the dimensions of gender and sexuality. The primary proposal is to assess whether these women are targets of encouragement, promotion or inhibition, being discouraged from adopting the feminist label in relation to their own convictions. At the same time, the examination encompasses the contextualization of the current conservative wave and current moral codes and political positions. In the methodological scope, this research is bifurcated into two investigative phases. In the first stage, a structured research instrument will be used, through the application of a form, aiming at the systematic collection of data that records the experiences of feminist women in Christian ecclesiastical contexts. Subsequent to this stage, the second phase

<sup>1</sup> O presente texto está vinculado à dissertação de mestrado, com título “Sou cristã e feminista, e agora?": Uma análise das experiências de mulheres feministas em ambientes religiosos, com orientação do Dr. Fernando Sffener.

<sup>2</sup> Professora de Matemática, Mestranda em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: beckerfdaia@gmail.com



involves conducting semi-structured interviews, seeking to expand and detail the aforementioned narratives, initially obtained through the collection instrument. The ultimate scope of the present study lies in the holistic understanding of the interrelationship between women who adopt a religious faith and the ecclesial communities in which they are inserted.

**Keywords:** Feminisms. Religion. Gender. Conservatism. Women.

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A intersecção entre o feminismo e a fé cristã tem sido objeto de questionamento e controvérsia ao longo do tempo. O debate sobre a viabilidade de ser simultaneamente feminista e cristão tem gerado discussões apaixonadas, com feministas frequentemente questionando a compatibilidade entre a religião e a igualdade de gênero, e cristãos expressando preocupações sobre a suposta ameaça que o feminismo representa para as estruturas familiares tradicionais. Neste contexto, surge a questão central deste estudo: é possível ser feminista e cristã?

## CRISTIANISMO COMPULSÓRIO

**Foto 1:** Negras novas a caminho da Igreja para o batismo. Jean Baptiste Debret, Voyage Pittoresque et Historique au Bresil (Paris, 1834-39).



**Fonte:** JOVENS Negras Indo à Igreja para Serem Batizadas. *In:* ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2023. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra61273/jovens-negras-indo-a-igreja-para-serem-batizadas>. Acesso em: 30 set. 2023.



Esta gravura, conhecida como "Negras Novas a Caminho da Igreja", não apenas captura um momento específico na história, mas também lança luz sobre aspectos sociais, religiosos e culturais da sociedade brasileira da época. Por trás desta aparente conversão religiosa, a imposição do cristianismo era, na realidade, uma tentativa de subjugar a cultura africana e eliminar qualquer resistência à dominação branca. A religião foi usada como um instrumento de controle social, uma ferramenta para legitimar a escravidão e justificar a opressão.

[...] a religião é um dispositivo de representação cultural de grande força e eficácia, uma dimensão das representações do mundo, estando sujeita, portanto, a mudanças. Religião e crenças religiosas só podem ser definidas em determinados contextos espaciais e temporais. Desvendar a cultura é revelar as estratégias e dinâmicas de identidade que constituem cada grupo social. A identidade religiosa estabelece parâmetros culturais que influenciam as práticas cotidianas, os lugares, relações, posições hierárquicas, atitudes e representações. É importante reavaliar o papel que a identidade religiosa exerce na construção dos papéis de gênero e que influenciam, de forma ampla, os valores e os sentidos de uma dada sociedade, sendo referência de uma intenção em que o imaginado, proposto e idealizado adquire um sentido.<sup>3</sup>

A análise parte do pressuposto de que no Brasil, a identidade cristã é, de certa forma, intrínseca à nossa cultura e sociedade. Segundo dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2020<sup>4</sup>, os cristãos representam 86,8% da população brasileira, sendo que os católicos totalizam 64,6%, enquanto os evangélicos alcançaram a marca de 22,2%. Desde o nascimento em hospitais muitas vezes associados a instituições religiosas, passando pela educação em escolas com afiliações cristãs, até a marcação de nossos calendários com feriados religiosos, a influência cristã se manifesta de diversas formas ao longo de nossas vidas.

<sup>3</sup> SILVA, Eliane Moura da. Missionárias protestantes americanas (1870-1920): Gênero, cultura, história. **Revista Brasileira de História das Religiões**, [S.l.], ano III, n. 9, p. 21-40, jan. 2011. p. 24. DOI: <https://doi.org/10.4025/rbhranpuh.v3i9.30365>.

<sup>4</sup> AZEVEDO, Reinaldo. O IBGE e a religião — Cristãos são 86,8% do Brasil; católicos caem para 64,6%; evangélicos já são 22,2%. **Revista Veja**, [S.l.], 31 jul. 2020. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/reinaldo/o-ibge-e-a-religiao-cristaos-sao-86-8-do-brasil-catolicos-caem-para-64-6-evangelicos-ja-sao-22-2>. Acesso em: 30 set. 2023.



## DOIS BICUDOS SE BEIJAM

Considerando a ampla influência do cristianismo em diversos aspectos da vida brasileira, é relevante observar que, de acordo com dados do Datafolha de 2019<sup>5</sup>, uma parcela significativa das mulheres evangélicas (32%) e católicas (40%) se declara como feminista. Estes números não podem ser ignorados, uma vez que demonstram uma adesão substancial ao feminismo dentro das comunidades cristãs tradicionalmente mais conservadoras.

Muitas mulheres cristãs se envolvem ativamente em movimentos sociais voltados para questões como a erradicação da pobreza, a promoção dos direitos humanos e o combate ao racismo. Neste contexto de engajamento social, é comum que essas mulheres entrem em contato com movimentos que têm afinidades com as perspectivas feministas, levando-as a incorporar questões de gênero em suas atividades e discussões dentro de suas comunidades religiosas.

É crucial reconhecer que o ativismo é um processo contínuo de reavaliação e ressignificação de conceitos e categorias. Portanto, marginalizar ou silenciar mulheres com base em sua fé ou em seu ativismo equivale a negar a existência e a relevância de suas vozes e contribuições.

Segundo Silva “[...] mulheres religiosas se tornaram ativamente engajadas em movimentos de reforma social, abolicionismo, sufragismo, educação e pregação”<sup>6</sup>.

Ao analisar como as mulheres cristãs conciliam essas identidades aparentemente conflitantes, lançamos luz aos desafios e as oportunidades que surgem quando essas duas esferas se entrelaçam.

<sup>5</sup> DATAFOLHA Instituto de Pesquisas. **38% das mulheres brasileiras se consideram feministas**. São Paulo, 15 abr. 2019. Disponível em: <https://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2019/04/1987743-38-das-mulheres-brasileiras-se-consideram-feministas.shtml>. Acesso em: 30 set. 2023.

<sup>6</sup> SILVA, 2011, p. 25.



Em um contexto em que o feminismo muitas vezes é percebido como desafiador às normas patriarcais e tradicionais, é crucial compreender como as mulheres que abraçam ambas as identidades – feminista e religiosa – negociam essa dualidade.

A transgressão também pode ser considerada o caminho para se buscar a coerência moral. Podemos considerar moral e obediência de normas ou princípios que são incompatíveis com a dignidade de uma grande parte da humanidade? [...] A transgressão é um caminho que as próprias mulheres têm encontrado para fazer justiça pelos séculos de negação a que foram submetidas por causa de uma cultura religiosa-patriarcal.<sup>7</sup>

Buendía afirma ainda que:

As instituições religiosas, entre elas a católica, se apresentam como espaços de dominação, alienação e domesticação das mulheres. Não entanto, podemos afirmar que, paralelamente ao desejo de dominar por parte da instituição, existem entre aquelas que estão inseridas nessas mesmas instituições interessantes experiências de libertação, processos de construção da autonomia, vontade de se reafirmar e de se constituir em sujeitos da sua ação, busca de caminhos que levam à superação das desigualdades. Constroem argumentos éticos e teológicos para denunciar as injustiças e incoerências das instituições religiosas, ao mesmo tempo que legitimam suas lutas e conquistas.<sup>8</sup>

Algumas feministas argumentam a incompatibilidade com a religião, alegando que defendem e valorizam o respeito às identidades individuais, ao passo que percebem a religião como promovendo o oposto, com sua crença em uma única verdade e uma única maneira de viver.

Entretanto, ao negar a possibilidade de compatibilidade entre feminismo e religião, corre-se o risco de negar a experiência de muitas mulheres. Como observou hooks, "apesar do sexismo presente nas religiões dominadas por homens, as mulheres encontraram consolo e santuário em práticas espirituais"<sup>9</sup>.

<sup>7</sup> BUENDÍA, Josefa. Gênero e religião: dimensão política da transgressão. In: ROSADO, Maria José (org.). **Gênero, Feminismo e Religião: sobre um campo em constituição**. Rio de Janeiro: Garamond, 2015. p. 115-130. p. 128.

<sup>8</sup> BUENDÍA, 2015, p. 121.

<sup>9</sup> HOOKS, bell. **O feminismo é para todo mudo: políticas arrebatadoras**. 17. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2022. p. 151.



É fundamental ressaltar que o ativismo feminista está constantemente em processo de revisão e ressignificação de conceitos e categorias. Optar por invisibilizar e silenciar mulheres com base em sua afiliação religiosa implica na negação de sua existência e voz, o que não condiz com os princípios de inclusão que o movimento feminista busca promover.

[...] uma espécie de cegueira feminista quanto à relevância da religião. Em outras palavras, a religião não é vista/analisa/considerada como um fator (multifacetado) na vida das mulheres, particularmente no que se refere aos aspectos positivos, empoderadores ou libertadores da religião [...] Ignora-se a religião.<sup>10</sup>

Ao examinar a experiência de mulheres que pertencem a dois grupos distintos, ou seja, mulheres que se identificam como cristãs e feministas, é essencial considerar as rupturas, preconceitos e estereótipos que essas mulheres frequentemente enfrentam em ambos os contextos em que estão inseridas. É importante destacar que muitos coletivos religiosos também têm adotado medidas significativas para combater o patriarcado e promover a igualdade de gênero.

Faz-se necessária, assim, uma profunda reflexão dos movimentos feministas e pela diversidade sexual sobre a importância da religiosidade na vida social, um esforço na construção de pontes cognitivas com segmentos religiosos, assim como o planejamento de linhas de ação junto a grupo de jovens cristãs/cristãos, a existência de coletivos com propostas inovadoras nos campos teológico e político [...] indica que essa via de atuação pode ser fecunda e que as vozes femininas dissonantes no meio cristão precisam tornar-se visíveis para os demais setores da sociedade.<sup>11</sup>

Embora haja várias formas de convergência entre o feminismo e a religião, é igualmente relevante reconhecer que essas duas ideologias frequentemente

<sup>10</sup> VUOLA, Elina. Questões Teóricas e Metodológicas sobre gênero, feminismo e religião. *In*: ROSADO, Maria José (org.). **Gênero, Feminismo e Religião**: sobre um campo em constituição. Rio de Janeiro: Garamond, 2015. p. 59-69. p. 41.

<sup>11</sup> BIROLI, Flávia; MACHADO, Maria das Dores Campos; VAGGIONE, Juan Marco. **Gênero, neoconservadorismo e democracia**: disputas e retrocessos na América Latina. São Paulo: Boitempo, 2020. p. 194.



apresentam diferenças significativas, e nem sempre é uma tarefa simples reconciliá-las.

Mais do que outras religiões, a doutrina cristã, que tolera o sexismo e a dominação masculina, inspira as formas como aprendemos tudo sobre os papéis dos gêneros nesta sociedade. Não é possível haver uma verdadeira transformação feminista em nossa cultura sem a transformação das crenças religiosas.<sup>12</sup>

Paralelamente ao fato de que diversas mulheres experimentaram marginalização e opressão devido às suas crenças religiosas, também é relevante reconhecer que muitas outras encontraram na religião uma fonte de força e inspiração para resistir à opressão. Portanto, é de suma importância manter um diálogo contínuo e uma colaboração efetiva entre o movimento feminista e a esfera religiosa, a fim de fomentar a igualdade de gênero e promover os direitos das mulheres.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É imperativo reconhecer que as interações entre o feminismo e a religião são intrincadas, frequentemente acompanhadas por tensões e conflitos significativos. Conforme observado por bell hooks, "[...]as políticas feministas têm o propósito de eliminar a dominação e nos capacitar a sermos autênticos – a viver a vida em um espaço onde a justiça é amada, e onde podemos encontrar a paz. O feminismo é para todas as pessoas."<sup>13</sup>

Neste contexto, a busca pela igualdade de gênero e pelo respeito às identidades individuais continua sendo uma jornada complexa, mas fundamental, que requer diálogo contínuo e esforços colaborativos.

É inegável a importância de reconhecer e abordar a complexidade subjacente à relação entre religião e feminismo. A relação entre religião e feminismo é multifacetada, variando amplamente de acordo com a tradição religiosa, o contexto

---

<sup>12</sup> HOOKS, 2022, p. 153.

<sup>13</sup> HOOKS, 2022, p. 167.



cultural e a interpretação individual das escrituras e ensinamentos religiosos. Isso ressalta a importância de adotar abordagens sensíveis ao contexto e culturalmente informadas ao explorar essa relação.

Além disso, é fundamental reconhecer que as tensões entre religião e feminismo também podem ser fontes de resistência e transformação. Mulheres em todo o mundo têm desafiado as normas de gênero tradicionais dentro de contextos religiosos, e muitas comunidades religiosas estão passando por mudanças internas para promover uma maior igualdade de gênero.

Por fim, o diálogo aberto e o respeito mútuo entre os movimentos religiosos e feministas são essenciais para encontrar pontos de convergência e superar os conflitos. Isso não apenas permite a reconciliação das tensões, mas também cria oportunidades para o crescimento, a mudança e a colaboração na busca por uma sociedade mais igualitária.

## REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Reinaldo. O IBGE e a religião — Cristãos são 86,8% do Brasil; católicos caem para 64,6%; evangélicos já são 22,2%. **Revista Veja**, [S.l.], 31 jul. 2020. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/reinaldo/o-ibge-e-a-religiao-cristaos-sao-86-8-do-brasil-catolicos-caem-para-64-6-evangelicos-ja-sao-22-2>. Acesso em: 30 set. 2023.

BIROLI, Flávia; MACHADO, Maria das Dores Campos; VAGGIONE, Juan Marco. **Gênero, neoconservadorismo e democracia**: disputas e retrocessos na América Latina. São Paulo: Boitempo, 2020.

BUENDÍA, Josefa. Gênero e religião: dimensão política da transgressão. *In*: ROSADO, Maria José (org.). **Gênero, Feminismo e Religião**: sobre um campo em constituição. Rio de Janeiro: Garamond, 2015. p. 115-130.

DATAFOLHA Instituto de Pesquisas. **38% das mulheres brasileiras se consideram feministas**. São Paulo, 15 abr. 2019. Disponível em: <https://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2019/04/1987743-38-das-mulheres-brasileiras-se-consideram-feministas.shtml>. Acesso em: 30 set. 2023.



VIII CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE  
**GÊNERO E RELIGIÃO**  
LIBERDADE - IDENTIDADE - CRITICIDADE



HOOKS, bell. **O feminismo é para todo mudo**: políticas arrebatadoras. 17. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2022.

JOVENS Negras Indo à Igreja para Serem Batizadas. *In*: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2023. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra61273/jovens-negras-indo-a-igreja-para-serem-batizadas>. Acesso em: 30 set. 2023.

SILVA, Eliane Moura da. Missionárias protestantes americanas (1870-1920): Gênero, cultura, história. **Revista Brasileira de História das Religiões**, [S./], ano III, n. 9, p. 21-40, jan. 2011. DOI: <https://doi.org/10.4025/rbhranpuh.v3i9.30365>

VUOLA, Elina. Questões Teóricas e Metodológicas sobre gênero, feminismo e religião. *In*: ROSADO, Maria José (org.). **Gênero, Feminismo e Religião**: sobre um campo em constituição. Rio de Janeiro: Garamond, 2015. p. 59-69.